

VISÃO DO CORREIO

Consumo abusivo de álcool é desafio nacional

Quando se fala no combate ao consumo abusivo de álcool, o depoimento de pessoas que convivem, ou ainda convivem, com a doença é fundamental para conscientizar quem enfrenta a árdua batalha. Em vídeos recentes publicados em seu canal no YouTube, o músico Nando Reis, ex-Titãs, abriu o jogo e falou com detalhes sobre os maus bocados que passou por conta da dependência — sobretudo da vodca. São falas fortes e de enorme interesse público em um país que contabiliza quatro hospitalizações por hora justamente por esse problema, segundo dados do anuário Álcool e a saúde dos brasileiros: panorama 2025.

Vivemos em uma sociedade que banaliza perigosamente o consumo do álcool. As gerações X (nascidos entre 1965 e 1980) e Y (de 1981 a 1996) cresceram em meio à celebração contínua da cervejinha e dos drinks em cada reunião de família. Bebia-se muito cedo, já na adolescência, sem qualquer problematização ou julgamento dos pais e demais responsáveis. O tempo passa, porém, e os danos do perigoso hábito começam a se manifestar na vida adulta — ao menos sete tipos de câncer, por exemplo, são associados à substância.

Em seu depoimento, Nando Reis destaca que o mais difícil é evitar “o primeiro gole”. A partir dele, a pessoa dependente não consegue colocar o pé no freio e consome mais do que havia combinado consigo mesma. É um caminho sem volta, desabafou o artista, hoje em recuperação e sem beber há cerca de 10 anos. O músico só conseguiu superar o vício ao ver a carreira por um fio,

quando compareceu bêbado a um ensaio para se apresentar com Gilberto Gil. Todos perceberam, pegou mal na frente do maior ídolo.

O limite social entre o tolerável e o perigoso, no caso do álcool, é difuso. No quesito fisiológico, autoridades são taxativas. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), não há dose segura para o consumo. Inclusive, o chamado “binge drinking”, o exagero restrito aos fins de semana, um padrão comum no Brasil, pode ser tão prejudicial para a saúde quanto a ingestão diária da substância. Ainda que a metabolização do álcool varie de acordo com aspectos físicos e genéticos, o impacto é certo em qualquer cenário.

Diante disso, é preciso que o Brasil comece a combater o consumo de álcool como guerreu contra o tabagismo a partir dos anos de 1980 — sobretudo no campo da conscientização. A aceitação cultural da ingestão, por vezes, dificulta o entendimento dos riscos da substância. Inclusive os riscos sociais: o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), por exemplo, trabalha com a estimativa de que 30% dos acidentes fatais no Brasil envolvem motoristas que estavam sob efeito de álcool. Exige-se, portanto, estratégias atualizadas e eficazes para vencer esses e outros obstáculos.

A boa notícia fica com a nova geração, formada por pessoas nascidas a partir de 1997, que tem se dedicado a novos rumos para o lazer e as celebrações. Pesquisa do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (Cisa) aponta que a abstinência passou de 46% para 64% entre pessoas de 18 a 24 anos. Esse, sim, precisa ser um caminho sem volta.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

A Miguel, Benício e Sarah

No dia em que escutei meu filho chorar pela primeira vez, na maternidade, e quando o peguei nos braços, chorei. Com o coração inundado de amor, olhei nos olhinhos dele e roguei a Deus, a Jesus e à Nossa Senhora que iluminassem os passos dele. Voltei a chorar com o balbuciar das primeiras palavras, ao encontrá-lo de pé, no berço, e quando ensaiou os passos. Depois, nas duas formaturas. Eu daria a minha vida por ele.

O que aconteceu em Itumbiara, na semana passada, também me fez chorar. De tristeza; de compaixão por aquela mãe que teve Benício e Miguel arrancados de sua convivência; de raiva, por um “pai” que preferiu matar a proteger e amar infinitamente o que lhe deveria ser mais sagrado. Senti indignação ao ver dezenas de pessoas culpando uma mãe que morreu em vida. Julgaram-na como se uma suposta traição justificasse um ato insano, covarde, repugnante, atroz e monstruoso.

Dói imaginar o que Benício e Miguel sentiram ao verem o próprio “pai” prestes a ceifar-lhes a vida. Nem consigo conceber o medo e o horror em seus corações ante o inevitável. Dói pensar nessa mãe, punida pela psicopatia de um homem que a considerava propriedade. Espero, Sarah, que as lembranças de seus filhos e o amor indestrutível acalentem seu coração e apaziguem um pouco a saudade, caso isso seja possível.

Não bastasse essa tragédia toda, nas redes sociais li “gente do bem” ofendendo Sarah e culpando uma mãe pelas mortes dos filhos. A que ponto

chegamos? Um tribunal de exceção de pretensos paladinos da moral, de cidadãos que se consideram acima do bem e do mal e não se envergonham em arruinar ainda mais uma mãe devastada. Em 2021, a jornalista filipina Maria Ressa, que acabou de ganhar o Nobel da Paz, me disse que uma lama tóxica escorre das redes sociais. Verdade. Muitas vezes, sua fonte é a hipocrisia, a insensatez, o desejo de ter “curtidas” ou “likes”.

Nossa sociedade está doente. Soa paradoxal e irracional, em nome da moral e dos bons costumes, condenar uma suposta traição e praticamente avalizar um duplo filicídio. Isso é a expressão mais abjeta da misoginia. Passar pano para assassino é imperdoável. O julgamento sumário de uma mãe obrigada a sepultar os dois filhos deveria servir de pretexto para um controle das redes sociais. Responsabilização sobre o que é propagado. Liberdade de expressão não dá às pessoas o direito de insultar.

O mundo carece de empatia, de as pessoas se enxergarem na dor do outro. Não foi Sarah quem puxou o gatilho. Não foi ela quem teve a frieza de apontar uma arma para a cabeça dos filhos. Não foi quem preferiu ser homicida a divorciar e seguir sua vida, sob o carinho dos filhos. Benício e Miguel foram vítimas da pior das traições. Aquele que deveria lhes dar amor retirou-lhes o direito de crescerem, de se casarem, de segurarem um filho nos braços, de construírem uma família, de serem pais na acepção mais pura e real do termo.

DIA DO COMBATE AO ALCOOLISMO

“Primeiro você toma um drinque, depois o drinque toma um drinque, depois o drinque toma você.”

F. Scott Fitzgerald
1896-1940



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Falta fiscalização

Todos os dias passam vans clandestinas na BR-020, mas só falam nesse assunto quanto algo de pior acontece, como o acidente que resultou na morte de cinco pessoas nesta terça-feira. Temos quatro postos da Polícia Rodoviária Federal (PRF) ao longo do trecho: depois de Correntina, temos uma PRF; em Simolândia, mais uma; antes de chegar a Formosa, mais uma; e chegando ao Distrito Federal, outra. Por que não pararam os carros e fiscalizam? Sobre a Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT), então, nunca funciona para fiscalizar. Só falam que os veículos estão irregulares depois dos acidentes. Brasileiro só fecha a porta depois de roubar. Essa é a nossa realidade!

» Gleidison Magalhães
Sobradinho

Crime eleitoral 1

Em 7 de setembro de 2022, aproveitando a multidão que compareceu à festividade da Independência e superlotou a Esplanada dos Ministérios, Bolsonaro, após a cerimônia, tirou a faixa presidencial e falou ao milhão de pessoas como candidato. Neste carnaval, Lula concordou com o enredo de uma escola de samba de Niterói e o governo a agraciou com R\$ 1 milhão de reais para ter sua candidatura divulgada, disfarçada de manifestação artística, mas fazendo aberta propaganda política. Foram usados o tradicional jingle do Lula-lá e a estrela vermelha do PT. E não faltou o ineffectível escracho em Bolsonaro, representado pelo palhaço Bozo e, depois, preso atrás de grades e com tornozeleira. A intenção de campanha eleitoral antecipada foi ostensiva. Bolsonaro foi declarado inelegível por uso político da festa popular do 7 de Setembro; agora, Lula fez uso político da festa popular do carnaval. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que puniu Bolsonaro, vai demonstrar se ele aplica igualmente a lei para ambos os lados ou se a tal democracia, de que falam cansativamente, é o disfarce para a perseguição pessoal seletiva.

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Crime eleitoral 2

Carnaval é a expressão cultural, é território da arte, da crítica e da celebração popular. Neste ano, de Salvador a

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Calendário eleitoral 2026: passar mal toda semana até a eleição para ficar em evidência.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Lula indo ao sambódromo para assistir a uma escola de samba desfilar em sua homenagem deu chance para seus adversários, pois cumpriu à risca aquele ditado: procurou sarna para se coçar.

Paulo Molina Prates — Asa Norte

Parabéns aos policiais militares que trabalharam na segurança dos foliões. Se houve o uso do spray de pimenta, é porque aconteceu alguma confusão. Fora, intimidação e carteirada!

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

A forma como a Polícia Militar do DF atua em situações de festas públicas na cidade é bem questionável. Sempre usam o abuso de autoridade em situações que não teriam necessidade alguma. E nós, cidadãos, somos obrigados a passar por situações de desrespeito!

Maria Eduarda Oliveira — Brasília

A quarta-feira de cinzas martela impiedosa: “vieste do pó, ao pó voltarás”. Boa Quaresma para todos nós.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

para dias melhores, ou um narcótico para deixar as pessoas mais distantes da dura realidade da vida. Assim, surgem os oportunistas, que usam o evento para ganhar dinheiro, aparecer ou se tornarem influenciadores, especialmente políticos. Nesse carnaval, viu-se a beleza, a arte e as virtudes, mas também, cada vez mais, a exaltação das anomalias, aberrações e distorções dos indivíduos e da sociedade, enaltecendo os mais baixos instintos da espécie humana. É a festa do povo usada como mídia para alienar cada vez mais as pessoas, destruindo o alicerce da família. “Fantasia é um troço que o cara tira no carnaval e usa nos outros dias, por toda a vida” (Aldir Blanc).

» Humberto Pellizzaro
Asa Norte

Belo Horizonte, do Rio de Janeiro ao Recife, múltiplos enredos, bolos e manifestações prestaram homenagem a Lula. Isso não nasce por decreto, nasce da memória coletiva, da leitura histórica que o povo faz do sem tempo. Concorde-se ou não, Lula é parte incontornável da história recanto do Brasil. É liderança de projeção nacional e internacional, com trajetória que mobiliza afetos, debates e símbolos. E símbolo forte vira cultura, vira enredo, vira samba. E samba bom — daqueles que ecoam na avenida e atravessam gerações. Podem discordar, podem criticar, podem até espreitar. Mas, quando a história encontra o tamborim, quem decide é o povo. E o povo canta.

» João Júnior
Brasília

Futebol sem técnica

O Palmeiras retoma força na bola parada sob o comando de Andreas Pereira. Esse detalhe é a confirmação exata da pouca criatividade do futebol brasileiros, em acelerada decadência, onde os gols e até as mãos (laterais com as mãos para dentro das áreas) estão sendo importantes para decidir jogos. Faltam jogadores acima da média hoje, pois craques se escaferam e nosso futebol é pobre em técnica e taticamente.

» José Maria Ferreira
Belo Horizonte (MG)

Oportunistas

O carnaval tornou-se a manifestação cultural máxima dos brasileiros. Ao mesmo tempo, espetáculo e válvula de escape para as tensões sociais. Pode ser uma chama de esperança para dias melhores, ou um narcótico para deixar as pessoas mais distantes da dura realidade da vida. Assim, surgem os oportunistas, que usam o evento para ganhar dinheiro, aparecer ou se tornarem influenciadores, especialmente políticos. Nesse carnaval, viu-se a beleza, a arte e as virtudes, mas também, cada vez mais, a exaltação das anomalias, aberrações e distorções dos indivíduos e da sociedade, enaltecendo os mais baixos instintos da espécie humana. É a festa do povo usada como mídia para alienar cada vez mais as pessoas, destruindo o alicerce da família. “Fantasia é um troço que o cara tira no carnaval e usa nos outros dias, por toda a vida” (Aldir Blanc).

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	SEG a DOM R\$ 1.187,88
			360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br